

ZACARIAS NGUENHA

REDE DE LEITURAS

Fonte da imagem

Costurar a Linguagem

Há livros que se deixam apresentar como quem entra em casa de visitas. Alguns acreditam que não é o caso de *Costurar a Linguagem*. Aqui a língua não serve de escada, serve de tropeço. O leitor chega direito e sai meio torto, como quem ouviu demais e entendeu de menos. Acredito que a poesia não conta história, desmonta a possibilidade dela. A palavra anda em sobressalto, ora pensa, ora sangra, ora recusa sentido. O verso não explica nada, apenas insiste em ficar vivo, mesmo quando parece que já devia ter parado. O curioso é que isto não é apenas excesso. É método. Uma espécie de lucidez que prefere o desarranjo à ordem confortável. Há momentos em que o texto parece conversa de alguém a discutir com o próprio silêncio no mercado, entre preços, poeira e pensamento. No fim, cada leitor tem espaço sobre ele.



O melhor livro que li recentemente

Terra Sonâmbula, de Mia Couto

O livro recente que mais me marcou foi *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Não porque seja “bonito” ou porque tenha uma linguagem diferente, mas pela forma como ele recusa qualquer conforto ao leitor. A guerra ali não aparece como espectáculo nem como pano de fundo dramático. Ela aparece como desgaste. Como perda lenta de humanidade. Não há heróis, não há glorificação da violência. Há pessoas a desaparecerem por dentro, enquanto tentam apenas continuar a existir. O que torna o livro forte não é a história em si, mas a forma como ela é construída. A narrativa não é linear, vem em fragmentos, como cadernos e memórias soltas. Isso não é estética gratuita. É coerência com o mundo que o livro descreve: um país em ruína não produz narrativas organizadas, produz restos de memória. E há um ponto decisivo: o livro obriga o leitor a sair do consumo fácil da dor. Ele não permite distância confortável. A linguagem tenta segurar o que está a desaparecer, e ao mesmo tempo mostra que até no colapso ainda existe tentativa de sentido. No fundo, escolho este livro não por gosto, mas por impacto. Porque ele não facilita nada. E justamente por isso, fica.



O livro que mais desejo ler proximamente

O vendedor ambulante de arco-íris, de João Baptista (2026)

Um livro infanto-juvenil editado pela Nwana Edições, um projecto da Ethale Publishing, é uma proposta que está marcando a actualidade literária nacional.

Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa

Li até metade. Não concluí porque era emprestado. Penso que é um dos livros que mais se destacam quando se fala de impacto literário. Não por ser “poesia” no sentido técnico, porque não é, mas porque rompe a forma tradicional do romance. A linguagem ali não serve só para contar história. Ela cria mundo. Dobra o português, inventa palavras, mistura fala do sertão com filosofia e uma espécie de pensamento em movimento. O resultado é desconfortável para quem espera narrativa linear, mas profundamente rico para quem percebe que a linguagem também pode ser matéria viva.

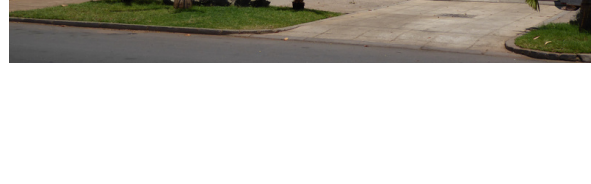
É por isso que muitos poetas o tratam como uma espécie de poesia em prosa, mesmo sendo formalmente um romance

A minha livraria *indie* favorita

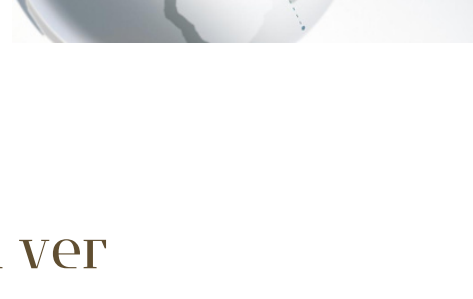
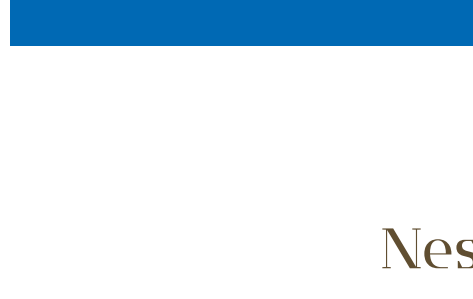
Fundação Fernando Leite Couto.

Mais do que espaço de venda, trata-se de um centro de circulação cultural onde o livro é tratado como documento vivo da sociedade. Um lugar onde a literatura deixa de ser objecto e passa a ser prática social.

Alias, é um lugar de encontro entre leitores e autores.



Recomendo fortemente a leitura destes artigos

UNESCO – Multilinguismo e políticas linguísticas**CPLP** – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa**DW África** – Cultura e sociedade em Moçambique e África lusófona

Neste momento estou a ver

RTP África – Conteúdos culturais e literários do espaço lusófono

Documentários sobre história contemporânea africana e pós-colonialidade, disponíveis em arquivos públicos e plataformas educativas internacionais.



Podcasts que recomendo

Programas de Literatura em língua portuguesa centrados em África e diáspora.

No âmbito da literatura e da reflexão cultural, destacam-se os seguintes programas:

O Prazer da Literatura — canal dedicado à literatura, leitura, autores, estudos literários e discussões sobre grandes obras da literatura mundial.

Clube de Literatura Clássica (PodClássico) — programa dedicado à literatura clássica, com conversas sobre obras, escritores e temas ligados à tradição literária.

Inspiração Literária — espaço de divulgação literária voltado para livros, autores, leitura e reflexão sobre literatura.

Noites Gregas — programam dedicado à mitologia grega, literatura clássica e aspectos culturais da Antiguidade.

Músicas que ouvi quando estava a escrever este livro

Durante a escrita, predominou música instrumental e fusões suaves de sonoridades africanas contemporâneas, com referências discretas à marrabenta moçambicana, sobretudo através de obras como «Nwahulwana», interpretada por **Wazimbo e Orchestra Marrabenta Star de Moçambique**, faixa-título do álbum Nwahulwana, lançado em 2001 pela Piranha Records; «Loko ni Kumbuka Jorgina», de **Fany Mpumfo**, uma das composições mais emblemáticas da marrabenta, posteriormente reunida em compilações como Nyoxanini (1999); e outros clássicos do repertório marrabenta que preservam a tradição melódica e rítmica moçambicana como Xitchuketa Marrabenta – single, 2020, de **Stewart Sukuma**.

A escolha dessas sonoridades não foi essencial, mas estrutural: serviu para manter a cadência, o ritmo e a disciplina do processo de escrita.



Autores que convidava para um jantar literário

Luís de Camões — estrutura fundadora da língua portuguesa e matriz clássica da literatura. **José Craveirinha** — poeta da consciência histórica e da resistência linguística moçambicana. **Machado de Assis** — mestre da ironia estrutural e da análise social pela linguagem. **Jorge Amado** — representante maior da literatura brasileira moderna com leitura social e popular da realidade.

Autores que poderiam escrever a minha biografia

Um ensaísta ou crítico literário capaz de interpretar a escrita como sistema cultural, prática social e construção de identidade. Alguém que leia a literatura não como biografia, mas como arquitectura de pensamento.

Zacarias Nguenha nasceu a 20 de Fevereiro de 1994, na localidade de Munhinga, distrito de Sussundenga, província de Manica, Moçambique. É professor de Língua Portuguesa, licenciado pela Universidade Católica de Moçambique, e está a concluir a licenciatura em Direito pela Universidade Púnguê.

Estreou-se na literatura em 2023 com a obra *Confissões da Madrugada*, marcada por um viés lírico-amoroso. Em 2025, venceu o 7.º Prémio Literário Fernando Leite Couto, na categoria de Poesia, com a obra *Costurar a Linguagem*, publicada pela Fundação Fernando Leite Couto, em parceria com a Câmara de Comércio Portugal Moçambique, o Moza Banco, a Câmara Municipal de Óbidos e o Camões IP.

Participa, por convite, do projecto literário brasileiro *Palavras Sem Fronteiras*, integrando diferentes obras colectivas e iniciativas de intercâmbio cultural entre escritores lusófonos. É igualmente fundador da *Costurar a Linguagem, S.U., Lda.*, instituição cultural dedicada à promoção da leitura, formação de jovens escritores e dinamização de actividades literárias e artísticas, e membro fundador da Associação LER É VENCER.

Escreve textos de poesia e crónicas para a imprensa.